



## **Olimpíadas Ameaçadas: Imagens das Manifestações Pró-Tibete na Mídia Brasileira<sup>1</sup>**

Aline BASTOS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O artigo busca analisar criticamente o discurso imagético da mídia brasileira sobre as recentes manifestações pró-Tibete ao redor do mundo, com base na Teoria Social do Discurso e da Semiologia do Discurso Social, visando compreender posicionamentos e estratégias sociopolíticas, econômicas e culturais relacionadas com um contexto histórico mais amplo e identificar momentos de consolidação de posições hegemônicas, de disputas de poder e de transformações ideológicas. Aqui procurar-se-á analisar as produções de sentido das revistas *Veja*, *Época* e *Le Monde Diplomatique* sobre os conflitos e sua relação com o atual cenário nacional e internacional, em que a China desponta como sede das Olimpíadas de 2008 e próxima superpotência mundial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Midiático; Semiologia do Discurso Social; China; Tibete.

O espírito olímpico vem sendo substituído por questões políticas. Nas últimas semanas, o mundo voltou a olhar com apreensão para o Tibete, território controlado pela China. Uma manifestação de monges contra o domínio chinês ganhou em poucos dias toques de violência e dramaticidade. O governo da China acusou o Tibete de planejar a situação para criar embaraços a Pequim às vésperas da Olimpíada.

A China utiliza-se de sua força – econômica, militar e diplomática – e defende obstinadamente a tese de que, para 1,3 bilhão de chineses, o Tibete sempre fez parte da Pátria Mãe. Conhecendo melhor a estrutura da sociedade chinesa, baseada nos princípios confucianos, pode-se entender melhor a posição do governo. Hierarquia, lealdade e obediência do subordinado ao seu superior sempre fizeram parte das relações chinesas. E, interesses políticos e econômicos de cunho internacional também estão presentes nessa disputa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Semiótica da Comunicação do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, E-mail: aline.bastos@gmail.com



A mídia apresenta as manifestações pela libertação do Tibete, principalmente através dos discursos imagéticos que circulam pelos principais veículos de comunicação do mundo. Porém, deve-se atentar para o fato de que esses discursos que comumente circulam dentro de um sistema cultural como o midiático, não é a ‘verdade’, mas uma *re-presença*, uma representação (SAID, 2007). Foucault (1996) assinala que tais imposições exigem dos enunciados não uma novidade ou um vigor, e nem importa se são verdadeiros ou falsos, mas apenas que estejam no cânone ou *dans le vrai* (no verdadeiro), baseados em instituições, tradições, convenções acadêmicas, códigos consensuais de compreensão. Com o tempo, esses textos podem criar não só conhecimento, mas também a própria realidade que parecem descrever, numa relação e concepção dialética do discurso (FOUCAULT, 1996).

Utilizando-se a base teórica da Teoria Social do Discurso e da Semiologia dos Discursos Sociais espera-se iluminar os posicionamentos e estratégias políticas, econômicas e sócio-culturais relacionadas com um contexto histórico mais amplo, além de identificar momentos de consolidação de posições hegemônicas, de disputas de poder ou de transformações ideológicas presentes nos discursos dos principais veículos da imprensa brasileira – Revistas Veja, Época e Le Monde Diplomatique – sobre as manifestações pró-Tibete pelo mundo.

### **Uma agenda para análise midiática**

A Teoria Social do Discurso, desenvolvida pelo lingüista britânico Norman Fairclough, busca identificar o papel da linguagem na estruturação das relações de poder em suas formas de cooperação, competição e dominação na sociedade. Segue a premissa de que os discursos são um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.

Essa visão de Fairclough (2003) de que os discursos constituem uma forma de representar aspectos do mundo – os processos, as relações e estruturas do mundo material, as idéias do mundo mental, os sentimentos, as crenças, e o mundo social –, articula-se à noção de ideologias como ‘sistemas de representação’ de Althusser (1979). As ideologias embutidas nas práticas discursivas são ainda mais eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de ‘senso comum’, como em Gramsci (1971) ou de ‘consenso’ em Fowler (1999).



Entretanto, deve-se também atentar para a heterogeneidade enunciativa que se manifesta no texto em dois planos distintos, designados por Mikhail Bakhtin (1995) de polifonia/dialogismo. Como explica Pinto (2002, p. 30), alguns autores preferem denominar de intertextualidade: a heterogeneidade mostrada, caracterizada pela manifestação, localizável pelos receptores/intérpretes, de uma multiplicidade de outros textos citados de forma objetiva ou aludidos pelo texto presente; e o plural do texto, heterogeneidade constitutiva ou interdiscurso, constituído pelo entrelaçamento no texto presente de vestígios de outros textos preexistentes. Com essa perspectiva, concorda Foucault (1972, p. 98): “não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outra não reatualize outros”.

O lingüista britânico em sua Teoria Social dos Discursos utiliza o conceito intertextualidade como algo concreto na análise de textos, assim como parte do desenvolvimento de um quadro analítico de análise de discurso. Os conceitos bakhtinianos de gêneros do discurso e dialogismo, Julia Kristeva (1974) introduziu para o público ocidental como intertextualidade e tal qual vem sendo muito utilizado por vários autores como o próprio Fairclough. Kristeva (1974) observa que intertextualidade implica “a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história”. Por “a inserção da história em um texto”, ela quer dizer que o texto absorve e é construído de textos do passado (textos sendo os maiores artefatos que constituem a história). Por “a inserção do texto na história”, ela quer dizer que o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes. Para Fairclough (2001), isso é fundamentalmente importante porque essa historicidade inerente aos textos permite-lhes desempenhar os papéis centrais que têm na sociedade contemporânea o limite principal da mudança social e cultural.

A linguagem, por natureza, não é fixada a seus referentes em uma relação de um por um, mas é ‘multireferencial’: pode construir diferentes significados em torno do que aparente ser a mesma relação social ou fenômeno (HALL, 2003, P.262). Ao analista de discurso caberá formular hipóteses que expliquem por que, dentro do universo de todos os textos possíveis, em um determinado contexto social e histórico, só determinada posição discursiva se sobrepõe. Mais ainda, se existem práticas discursivas que podem estar subvertendo a posição ideológica hegemônica e promovendo uma mudança social. Dessa forma, a análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por



que o diz e mostra. Cabe a ela explicar os modos de dizer (uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas) exibidos pelos textos, dentre as alternativas condicionadas socialmente, que podem se desdobrar em modos de mostrar, interagir e interagir (PINTO, 2001, p. 27). O ato de falar deve ser visto sempre como intencional, da forma que sustenta Foucault (1987), pois o discurso responde a certas necessidades e visa a certas finalidades sociais. A escolha por uma determinada posição discursiva atende a visões de mundo bem específicas, pois “há sempre formas alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica ‘interpretar’ de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular” (KRISTEVA apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Fairclough (2003, 2001, 1995) estabelece uma agenda para estudar a mídia pela sua linguagem. Trabalha com os meios de comunicação como um gênero particular de discurso, com um inerente poder de persuasão e convencimento, sendo um dos principais aparatos da luta social e de produções de sentidos na contemporaneidade. Essa dimensão predominantemente político-ideológica do discurso midiático estabelece, mantém e transforma as relações, as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) e os significados do mundo nas relações de poder. A prática discursiva recorre às convenções, às ideologias particulares e as próprias convenções sociais, que naturalizam essas relações de força e dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Todo esse sistema ideológico amplamente aceito estrutura os discursos organizados em redes discursivas, em modos particulares de ordem de discurso (FOUCAULT, 1996), constituindo uma forma de hegemonia, mas que estão sempre em disputa e negociação no contexto social, no sentido de Gramsci (1971).

Inspirada em Foucault (1987, 1992), essa abordagem considera que o discurso por um lado constitui e representa uma parte importante da realidade social e, que por outro, contribui dialeticamente para a reprodução do social, sendo um reflexo de estruturas mais profundas. A dimensão do discurso constitutiva da vida social possui três efeitos (FAIRCLOUGH, 2001, P.92): o discurso contribui para a construção do que é referido como ‘identidades sociais’ e posições de sujeito, para o sujeito social e os tipos de ‘eu’, das relações sociais e dos sistemas de conhecimento e crença. Essas três funções da linguagem, também chamadas de ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’, associa-se à função textual desenvolvida no trabalho do lingüista Michel Halliday (1973) que trata das ligações das partes do texto com outras partes precedentes e seguintes e com a situação social fora do ‘texto’.



Nessa perspectiva, a análise de discurso como prática social trabalha os textos e os contextos sócio-históricos de forma articulada, tendo em vista que todo discurso é um objeto historicamente produzido e interpretado. Os discursos, vistos como históricos, só podem ser entendidos se em referência a seus contextos. Para isso, Fairclough (2001) propõe uma concepção tridimensional do discurso que integra a análise textual e lingüística, a microssociologia com a análise da prática discursiva e a macrossociologia interpretativa com a análise da prática social. Da mesma forma, a Semiologia dos Discursos Sociais desenvolvida por Milton Pinto procura interpretar vestígios que permitem a contextualização em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo (PINTO, 2002, P.26).

A Semiologia dos Discursos Sociais de Milton Pinto propõe uma sistematização de análise crítica do uso da linguagem similar à de Fairclough (2001) com base na tradição francesa de Análise de Discurso ao lado das contribuições de Michel Foucault e na Pragmática anglo-americana. Fornece ainda a base teórica para análise das imagens junto aos textos (PINTO, 1995), pois qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro sistema semiótico, deve sempre ser considerada como um discurso, recusando a categoria de ‘signos icônicos’ ou ‘ícones’ em que são em geral classificadas pelo semiólogos (PINTO, 2002, P. 36). Nas fotografias e nas ilustrações da cultura midiática contemporânea também se encontram marcas textuais, como nos textos verbais. “A imagem transforma-se na escrita, a partir do momento em que é significativa. Como a escrita, ela exige uma *léxis*” (BARTHES, 1980, P. 132), que deve ser aliada ao texto para uma leitura crítica nos moldes dessa metodologia.

Na análise discursiva de produtos jornalísticos impressos, como jornais e revistas, na maioria das vezes depara-se com textos mistos, que reúnem texto verbal e imagens. Há poucos casos em que o imagético se projeta como texto único. Entretanto, nas publicações periódicas como as revistas, a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, pois impõem a significação de uma só vez, sem analisá-la, sem dispersá-la (BARTHES, 1980).

A análise cuidadosa, aqui proposta pelo instrumental teórico da Teoria Social do Discurso e da Semiologia dos Discursos Sociais, deve apontar também significação e códigos ideológicos expressos na capa da publicação. “A mídia impressa, em especial nas capas de revistas e jornais em todo o mundo, utiliza diversas técnicas de tratamento de imagens e diagramação para definirem posições enunciativas” (PINTO, 2002, P. 37-38).



## **A ascensão da China no cenário internacional**

A China desponta como a próxima superpotência mundial. A experiência chinesa adotou o desempenho proporcionado pelo desenvolvimento econômico em ascensão e a legitimidade nacionalista, proporcionada pela invocação das características próprias de sua cultura. O líder socialista, Deng Xiaoping, construiu uma ampla reforma e implantou a diretriz de construir uma economia nacional forte, baseada no programa das quatro grandes modernizações: agricultura, indústria, ciência técnica e defesa nacional. Nas últimas décadas, o êxito dessas políticas se concretizou num concentrado e extraordinário ciclo de crescimento econômico e industrial a uma taxa média anual de 10%, levando a China a ocupar posição junto aos líderes da economia mundial. Segundo estudos de bancos de investimentos mundiais como o Goldman Sachs, a China se tornará a maior potência econômica mundial nas próximas décadas por volta do ano 2020.

A China, com sucesso do seu ‘capitalismo com características chinesas’ - mercado aberto, governo fechado -, mostrada pela mídia, legitima os valores ocidentais de mercado e consumo. Com um mercado de consumidores da ordem de 120 milhões de pessoas, que podem chegar à 700 milhões até 2015, segundo estimativas<sup>3</sup>, e o contínuo desenvolvimento da sua indústria, a China tornou-se sem dúvida a ‘celebridade’ do projeto capitalista neoliberal, apresentada a todo momento pela mídia ocidental.

O país deixou para trás a imagem da Guerra fria; o contraste entre o Ocidente (norte-americano) capitalista farto e próspero e o Oriente (soviético; chinês) socialista sombrio e atrasado. Renovou as concepções liberalistas ocidentais, pois na China a falta de liberdade política presente ainda na sociedade chinesa não está intimamente ligada à asfixia da liberdade do consumidor, como afirma Slater (2002). A mão forte do Estado também não coibiu a ‘soberania do consumidor’, ao contrário, possibilitou por intermédio de enormes subsídios, empréstimos e concessões a atual prosperidade econômica da nação.

A abertura do mercado chinês para o Ocidente a partir da metade do século XX está profundamente centrada no pragmatismo chinês ensinado por Mao Tsé-Tung, o grande líder socialista chinês: “Não importa se o gato é branco ou preto, contanto que pegue o rato”. Daí o ‘socialismo de mercado’ ou ‘capitalismo com características

---

<sup>3</sup> Ver 800 milhões de novos consumidores. Revista Exame. Edição 873. Ano 40. Nº15. 02 de agosto de 2006.



chinesas’. Assim, mais importante que definições político-econômicas são a harmonia e a prosperidade nacional com a evolução da sociedade chinesa, para se constituir a ‘sociedade harmônica’, atual slogan do país.

Essa trajetória desenvolvimentista de prosperidade econômica e modernização tecnológica sempre visou preservar o socialismo, ou seja, o poder; o controle e a influência do Partido Comunista, como representante do povo chinês. “Se a economia melhorar; outras políticas poderão ser bem-sucedidas e a fé do povo chinês no socialismo se intensificará. Em caso contrário, o socialismo estará ameaçado na China e também no resto do mundo”, fala o presidente Deng Xiaoping no 13º Comitê Central em 1990 (CASTELLS, 1999, P. 349).

O forte planejamento da China nas últimas décadas baseia-se na visão de mundo dos antigos filósofos chineses, sobretudo Confúcio e Lao-tsé, segundo os quais todos devem viver em relações harmoniosas e ter padrões de vida parecidos. Assim, o projeto socialista apenas ressoou com uma tradição cultural e moral na milenar sociedade chinesa, e por isso não representou nenhum impacto quando do seu fracasso, marcado pela derrubada do muro de Berlim. À medida que a demarcação entre capitalista e socialista começa a turvar no leste da Ásia, a forma cultural presente na grande divisória tornou-se distintamente confuciana em sua índole. “A ideologia política confuciana foi eficiente no desenvolvimento do Japão e dos quatro minidragões. Ela é evidente também nos processos políticos da República Popular da China, da Coreia do Norte e do Vietnã” (TU WEI-MING, 2002, P. 360).

A filosofia de Confúcio, filósofo chinês que viveu no ano 500 a.C, constitui um código de conduta que guia e orienta o governo justo, as relações entre as pessoas, o comportamento público, a vida privada e a procura da retidão. O pensamento confuciano se constitui de três princípios fundamentais para a construção de uma sociedade ideal: *Li*, ou Estrutura; *Ren* ou Gentileza; e *Xiao*, ou Lealdade.

*Li* refere-se à preservação de uma estrutura social baseada em uma ordem hierárquica, ou seja, as relações pessoais estão sempre em um par hierárquico: governador e governado; pai e filho; irmão mais velho e irmão mais novo; marido e mulher; amigo e amigo. Cada um tem um papel bem marcado dentro do par hierárquico, tendo que cumprir certos deveres e assumir responsabilidades.

*Ren* refere-se ao amor, bondade e gentileza, elementos sem os quais não haveria harmonia da estrutura. Para Confúcio, a aquisição do *Ren* supõe vencer a si mesmo e a abertura de compreensão, solidariedade, amor, compaixão e compromisso com o outro.



Assim a humanidade, o *Ren*, diz respeito ao como deve ser a nossa postura frente ao tudo que pode haver entre duas pessoas - como se respeitar; como se amar; como se relacionar; como se entender; como lidar com as semelhanças e as diferenças, com a desarmonia, discordância e outros sentimentos humanos.

Em terceiro lugar vem *Xiao*, que é peça chave para a composição final da sociedade de Confúcio e refere-se à lealdade e obediência do subordinado a seu superior. Um cidadão deve ser leal ao seu governante, um filho deve obedecer a seu pai. Assim, enquanto *Li* dita as estruturas das relações, *Ren* e *Xiao* permitem que essa estrutura se dê com harmonia.

A estrutura social hierarquizada, proposta pelo filósofo chinês, de papéis sociais bem definidos, contribuiu para o surgimento do *guanxi* que compromete implicitamente amigos e associados a “fazer o que podem uns pelos outros quando são solicitados”. *Guanxi* é uma expressão que designa a complexa rede de relações indispensáveis ao funcionamento social e político na China. Antes de um contrato formal, o que acontece é um relacionamento amigável e confiável entre ambas as partes. Isso vale mais que um contrato escrito. O *guanxi* (reciprocidade e confiança) é fortalecido com interações sociais, como visitas, presentes e convites para ocasiões especiais.

No diagrama de caleidoscópio proposto por Sandra Chen (2004) ilustram-se, além do *guanxi*, outros dois conceitos fundamentais à cultura chinesa. Cada elemento seria como uma face espelhada que refletiria infinitamente variadas imagens, à medida que se põe o caleidoscópio em movimento. No diagrama de caleidoscópio, o *guanxi* é apoiado pelos conceitos de *renqing* e *mianzi*.

*Renqing* indica generosidade, respeito ao próximo e sensibilidade, tudo isso em conformidade ao conceito de Confúcio sobre as obrigações de cada ator social em relação aos outros. A reciprocidade das relações na China pressupõe uma grande dose de gentilezas, expressa em formalidades e rituais de convivência. São regras implícitas do jogo social.

*Mianzi*, ou face, revela a preocupação dos chineses em preservar a reputação ou a honra. Perde-se *mianzi* (cair a cara), quando se viola o *guanxi*. É uma grande humilhação num contexto relacional.



Espera-se que as crianças preservem a ‘face’ da família, ou o seu respeito social. Isto tem significado algo diferente em cada época. Para as crianças urbanas de hoje, significa ser bem educada e bem vestida, ganhar dinheiro e praticar valores tradicionais, como lealdade e bondade. Para os chineses das áreas rurais, significa colocar as necessidades do grupo na frente das necessidades individuais. Uma pessoa admirada é aquela que traz a maior honra para a família, enquanto continua sendo a mais humilde sobre conquistas pessoais<sup>4</sup>.

A cultura chinesa tem diversas outras nuances, e há que se considerar as diferenças regionais e as culturas das minorias étnicas, que apresentam ainda mais peculiaridades e variações. Cerca de 94% do povo chinês pertence à etnia Han. Os outros 6% são compostos por cerca de 56 etnias diferentes, como, por exemplo, os Zhuang, os Hui, os Miao e os Tibetanos.

### **Conflitos pró-Tibete pela mídia brasileira**

Localizado próximo ao Monte Everest, a região do Tibete manteve-se isolada até a primeira metade do século passado. Com uma forte identidade cultural baseada nos princípios do budismo, o Tibete era um país independente com status reconhecido por outras nações. Sobreviveu aos milhares de anos de domínio das dinastias chinesas e invasão territorial de povos estrangeiros, mas não ao regime comunista de Mao Tsé-tung, que incorporou a região à força, destruiu seus templos, expulsou e prendeu seus líderes religiosos e proibiu seus rituais. O líder comunista impôs um acordo de 17 itens que sacramentava o “retorno do povo tibetano ao seio da pátria”.

Há duas décadas, o governo chinês investe maciçamente na província do Tibete. Construiu ferrovias, aeroportos, estradas, escolas e prédios públicos. A capital Lhasa se parece com qualquer cidade moderna asiática. Dalai-Lama reconhece a ajuda, e mudou o discurso de independência para a defesa de mais autonomia para a região, que continuaria integrada à China. “Espiritualismo não enche estômago vazio”, diz. “Nós precisamos de desenvolvimento material, estando na China, teríamos muitos benefícios”. Afinal, a China é o país que mais cresce no mundo<sup>5</sup>.

Entretanto, os tibetanos ainda se sentem marginalizados no seio da sociedade chinesa e sem gozar dos benefícios do desenvolvimento da China. A região inundada pelos colonos da etnia Han, majoritária no país, reforça o sentimento nacionalista

---

<sup>4</sup> CULTURE Grams: concise, reliable up-to date country reports on 200 cultures of the world. Newcastle: Axion Press, 2003. Disponível em: <www.culturegrams.com>. Acesso em: jun. 2008.

<sup>5</sup> ÉPOCA. Edição Nº 517, 14 de abril de 2008. P. 101 e P. 104.



tibetano de rejeição à China. A identidade tibetana, baseada na religião budista, está ameaçada já que estão impedidos de ensinar a própria língua nas escolas, praticar seus rituais fora dos mosteiros e adorar seus líderes religiosos. "Uma nação com uma antiga herança cultural está em perigo. A nação tibetana está morrendo. De modo proposital ou não, um genocídio cultural está acontecendo", disse Dalai-Lama, líder espiritual do Tibete, comentando os conflitos dos tibetanos com o governo chinês<sup>6</sup>.

Na revista *Época*<sup>7</sup>, o infográfico com o título “Uma nação contra a China” traduz o sentimento dominante do povo tibetano ao apresentar a história recente da região, cada vez mais dominada economicamente e culturalmente pelos chineses da etnia Han. A capa dessa edição traz a foto em preto e branco de Dalai-Lama, que expressa um sorriso sereno. A chamada da capa “Até quando ele vai sorrir?”, quer expor o lado dramático da relação entre tibetanos e chineses, e a fragilidade da autoridade do líder religioso e político frente ao governo chinês ao insistir na estratégia do ‘caminho do meio’, seguindo preceitos do budismo.

Dalai-Lama, o líder espiritual do budismo tibetano, vive exilado na Índia desde 1959. Com um discurso de não-violência, ganhou o prêmio Nobel da Paz e transformou a luta de libertação do Tibete numa causa vista com bons olhos no Ocidente. Com seu carisma, angariou o apoio e a simpatia do Parlamento Europeu e de diversos chefes de estados pelo mundo; esses mesmos que agora ameaçam boicotar os Jogos Olímpicos de Pequim em agosto desse ano. O parlamento da União Européia quer que os 27 países do bloco não compareçam à cerimônia de abertura. Hillary Clinton e Barack Obama, pré-candidatos democratas à presidência dos EUA, sugeriram que o presidente George W. Bush também não compareça aos Jogos em protesto contra o tratamento dos chineses ao Tibete.

A questão tibetana ganhou visibilidade recentemente após uma passeata pacífica de 300 monges budistas pedindo o retorno do Dalai-Lama ao Tibete no dia 10 de março, 49º aniversário do maior levante nacional contra a intervenção chinesa. A manifestação foi reprimida com violência policial, que culminou com uma centena de mortes e presos. Desde então, ativistas pró-Tibete se rebelaram pelo mundo, principalmente nas cidades por onde a chama olímpica passou como Paris, Londres e São Francisco. O desfile da tocha iria percorrer 135 cidades, inclusive Lhasa no Tibet, em vinte países,

---

<sup>6</sup> VEJA. Edição 2056, 16 de abril de 2008.

<sup>7</sup> ÉPOCA. Edição Nº 517, 14 de abril de 2008.



em 130 dias, mas foi reformulado secretamente, houve diminuição de percurso e reforço da segurança nas localidades.

Sob o título “A tocha da discórdia”, a revista *Veja*<sup>8</sup> destacou a violência resultante dos protestos contra os jogos olímpicos de Pequim. A reportagem traz fotos agressivas de policiais fortemente armados, manifestantes caídos ao chão sendo presos e outros tentando apagar a tocha olímpica à força durante o desfile. Em outra matéria apresentada uma semana depois, com a chamada “A prova dos monges”<sup>9</sup>, mostra abertamente um monge ferido no Nepal com sangue escorrendo pela face, ao lado de uma foto de soldados chineses que se defendem (com escudos) de pedras jogadas por tibetanos, na capital Lhasa. O infográfico “À sombra do gigante” revela que o Tibete, ainda que represente uma parcela significativa do território chinês, é irrelevante em termos econômicos e populacionais para a China. Assim, a revista assegura que o Tibete não possui poder para pressionar a China a ceder as suas reivindicações.

E, realmente, pelo posicionamento do governo chinês, não há garantia que essas exigências serão atendidas a curto ou médio prazo. O Tibete possui para a China uma importância econômica e estratégica fundamental. Rica em minérios, a região detém a maior reserva mundial de urânio. De suas geleiras, nascem três dos maiores rios asiáticos, o Indo, o Bramaputra e o Mekong, responsáveis, juntos, pelo abastecimento de água doce de toda a Ásia Central. A área possui vales férteis, vastas reservas florestais e amplos espaços pouco ocupados. Quanto ao papel militar que lhe atribuem os chineses, basta dizer que lá está instalado um quarto de seus mísseis intercontinentais, inclusive nucleares, e uma força de não menos de 300 mil soldados<sup>10</sup>.

Além disso, a concessão de independência total ao Tibete desestabilizaria todo o mosaico étnico-cultural chinês, provocando um efeito dominó de consequências imprevisíveis. Basta pensar na região do Xinjiang, fronteira do Tibete, rica em petróleo e minerais. Em Xinjiang se misturam dois fatores explosivos, o orgulho nacional *uiguir* e o fundamentalismo islâmico, vem sendo sacudido por reivindicações pró-independência, inclusive com a prática de atos terroristas.

Toda essa repercussão midiática das manifestações pró-Tibete pode também esconder interesses de política internacional. As maiores redes de comunicação e agências de notícias do mundo, que incessantemente dão destaque a essas manifestações

---

<sup>8</sup> VEJA. Edição 2053, 26 de março de 2008.

<sup>9</sup> VEJA. Edição 2056, 16 de abril de 2008.

<sup>10</sup> Segundo LE MONDE DIPLOMATIQUE. Ano 1, Nº 10, maio 2008. P. 4.



e conflitos entre chineses e tibetanos, pertencem aos norte-americanos. Dessa forma, foi pertinente e em ótimo momento a declaração do presidente da Venezuela Hugo Chavez sobre a maciça divulgação dos recentes conflitos separatista em Kosovo e no Tibete. Segundo Chavez, o apoio dos Estados Unidos à independência do Kosovo e do Tibete se justificam por um interesse em enfraquecer o poder da Rússia e da China. Inclusive, é comum o uso de agências humanitárias americanas no fornecimento de infra-estrutura para países em crise política, principalmente que estão envolvidos em conflitos separatistas. Os Estados Unidos geralmente se utilizam da política de ‘ajuda humanitária’, com o objetivo de torná-los dependentes e assim, ‘impor’ consequentemente uma dependência econômica, estrutural, com a justificativa de auxiliar numa construção democrática.

Nesse jogo internacional, a China, sede das Olimpíadas de 2008, tem a pretensão de superar os Estados Unidos, no ranking das medalhas. Espera fazer do evento um espetacular instrumento de propaganda e o marco definitivo de sua ascensão ao pódio das superpotências. Investimentos pesados haviam sido feitos em infra-estruturas e instalações. Atletas e equipes vinham sendo preparados há muito tempo. O roteiro das cerimônias de abertura e encerramento que fazem dos jogos olímpicos, o maior show midiático do planeta, estava definido e cronometrado. Mas, há poucos meses do evento, a inesperada rebelião para a independência do Tibete ameaça um dos maiores espetáculos da Terra.

A capa da revista *Le Monde Diplomatique* apresenta um jovem atleta chinês de ginasta olímpica pendurado nas argolas com o fundo representado pela bandeira da República Popular da China sob o título: “Beijing 2008 - Olimpíadas ameaçadas”. A representação indica que todo o esforço dos atletas, e também dos governantes chineses, em realizar uma das maiores e melhores olimpíadas da história pode ser em vão, devido à fragilidade e à instabilidade da situação ocasionada pelos conflitos entre chineses e tibetanos, as mesmas características expressadas pela figura do ginasta pendurado nas argolas.

## **Conclusão**

Atualmente, as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação representam a principal prática discursiva de construção e mudança social. Bakhtin (1995) ensina que a linguagem constitui e organiza o mundo em sua multiplicidade, mas



sem menosprezar a presença do signo monovalente, do poder hegemônico e fechado, que tenta a estabilidade impondo sua ideologia. Assim, deve-se atentar que as várias vozes constituintes de discursos podem não significar alteridade, nem a ausência de uma voz hegemônica. Nesse sentido, os diversos discursos da mídia brasileira sobre o conflito tibetano revelam a predominância de uma ideologia fortemente marcada por valores hegemônicos ocidentais.

A revista *Veja* é a maior e mais influente revista semanal de informação do Brasil. Com uma circulação de mais de um milhão de exemplares e cerca de sete milhões de leitores, *Veja* está situada como a maior revista informativa da América Latina e a quarta revista semanal de informação do mundo. Seu discurso acompanha o posicionamento ideológico norte-americano em relação à política internacional ao mostrar incessantemente imagens que ratifiquem a guerra e a violência, como aqueles de policiais agressores e de monges tibetanos atirando pedras. Dessa forma impera nas mensagens a hipótese do ‘choque de civilizações’, de Samuel Huntington (1997), como uma das expressões mais características e exarcebadas do fundamentalismo ocidentalista contemporâneo.

A revista *Época* acompanha esse discurso, de maneira muito mais sutil. Busca compreender historicamente as razões dos conflitos entre tibetanos e chineses, mas procura todo momento mostrar e defender o lado tibetano contra o chinês. Ao retratar o líder do Tibete Dalai-Lama na capa, a revista quer expor como a política do governo chinês está exterminando dramaticamente uma rica tradição cultural representada por uma figura tão carismática e bem aceita no Ocidente como o Dalai-Lama.

Já a revista *Le Monde Diplomatique* aborda a questão por um cunho mais crítico e político, apresentado o outro lado da questão. Representa o posicionamento da China hoje perante a situação, frágil e instável, como o ginasta pendurado nas argolas. Portanto, aponta que se a China quer se estabelecer como superpotência e realizar a melhor Olimpíada da história terá que superar esse conflito interno.

Os Estados Unidos se comunicam mais do que qualquer outra sociedade, visto que 65% de toda comunicação no mundo partem dela, segundo Mattelart (2000, p. 121-122): “Esta onipresença a transforma naturalmente no protótipo de um ‘modelo global de modernidade’, indicador dos modos de comportamento e dos valores a serem adotados em todo mundo”. Os principais veículos de comunicação brasileiros, como as revistas *Veja* e *Época* possuem capital e política editorial de inspiração norte-americana, seguindo suas práticas e discursos. A democracia e os direitos humanos, provenientes



do pensamento iluminista ocidental, não faz parte da realidade social chinesa, fortemente marcada por valores confucianos de hierarquia e obediência do subordinado ao seu superior. Sem entender a realidade cultural local e impondo uma visão monológica, essas publicações rechaçam os modelos e os valores sociais chineses, classificando-os como uma ameaça, da mesma forma como historicamente vem sendo representado todo o Oriente (SAID, 2007).

Como aponta o pesquisador chinês Shen Jiru (2001, P. 335): “O novo mundo que se desenha pode ser construído em torno do diálogo entre civilizações, com a aceitação do princípio da harmonia do não-idêntico”. Assim, espera-se a solução desse conflito entre tibetanos e chineses pelo diálogo, pela harmonia e pelo respeito às diferenças culturais, valores intrínsecos a tradição milenar chinesa, assim como a aceitação das políticas e práticas de outras civilizações, distintas da ocidental, pela mídia brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BAKHTIN, M. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.  
\_\_\_\_\_. **Mitologias**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEN, Sandra. Cultura de negócios da China, um encontro com a cultura chinesa. In: WORKSHOP CHINA, 2004. São Paulo. **Doing business with China**. São Paulo: Berlitz, 2004.

ÉPOCA. Edição Nº 517, 14 de abril de 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routled, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. **Media discourse**. Londres: Edward Arnold, 1995.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.



FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the Press.** 5 ed. London: Routledge, 1999.

GRAMSCI, A. **Selections from the Prison Notebooks.** New York: Internacional Publishers, 1971.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALLIDAY, M. **Language as social semiotic.** Londres: Edward Arnold, 1978.

HUNTINGTON, S. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KRISTEVA, J. **Introdução à semiótica.** São Paulo, Perspectiva, 1974.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. Ano 1, Nº 10, maio 2008.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Bauru, SP: EDUSC, 2000.

PINTO, M.J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discurso.** São Paulo: Hackers Editores, 2002.

\_\_\_\_\_. Marcas de enunciação em imagens. In: **ECO**, Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, laboratório de Editoração/ECO/UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Semiologia e Imagem. In: Braga, J.L, Porto, S.D & Fausto Neto, A. (Orgs.) **A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política.** Rio de Janeiro, Diadorim/COMPÓS, 1995.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHEN JIRU. A estratégia internacional chinesa no Século XXI. In: BELLUCCI, Beluce (Org.). **Abrindo os olhos para a China.** RJ: EDUCAM, 2004.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

TU WEI MING. Múltiplas Modernidades: Uma investigação preliminar sobre as implicações da Modernidade no Leste da Ásia. In: HARRISON, Lawrence & HUNTINGTON, Samuel. **A cultura importa.** Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2002.

VEJA. Edição 2053, 26 de março de 2008.

VEJA. Edição 2056, 16 de abril de 2008.